

# Processos “Marginais” de Formação de Palavras

Todos os direitos desta edição reservados a Pontes Editores Ltda.  
Proibida a reprodução total ou parcial em qualquer mídia  
sem a autorização escrita da Editora.  
Os infratores estão sujeitos às penas da lei.  
A Editora não se responsabiliza pelas opiniões emitidas nesta publicação.

#### **Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**

---

---

Gonçalves, Carlos Alexandre (Org.)  
Processos “marginais” de formação de palavras / Carlos Alexandre Gonçalves  
(Org.)

Campinas, SP : Pontes Editores, 2016

Bibliografia.  
ISBN 978-85-7113-709-7

1. Língua portuguesa - formação de palavras 2. Morfologia  
3. Línguística - estrutura da palavra I. Título

---

---

#### **Índices para catálogo sistemático:**

1. Língua portuguesa - formação de palavras - 469.5  
2. Morfologia - 469.5  
3. Línguística - estrutura da palavra - 410

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO .....	7
CAPÍTULO 1 - Os “marginais” da formação de palavras .....	9
Carlos Alexandre Gonçalves	
CAPÍTULO 2 - Truncamento .....	17
Ana Paula Victoriano Belchor	
CAPÍTULO 3 - Cruzamento Vocabular .....	33
Katia Emmerick Andrade	
CAPÍTULO 4 - Reduplicação.....	57
Carlos Alexandre Victorio Gonçalves	
Luciana de Albuquerque Daltio Viali	
CAPÍTULO 5 - Hipocorização .....	77
Hayla Thami Lage	
CAPÍTULO 6 - Siglagem .....	99
Bruno Cavalcanti Lima	
CAPÍTULO 7 - Padrões de flexão (verbal).....	121
Vítor de Moura Vivas	
Referências bibliográficas .....	135
Sobre os autores.....	143

CAPÍTULO 1:

OS “MARGINAIS” DA FORMAÇÃO DE PALAVRAS

Carlos Alexandre Gonçalves

Nos dicionários de língua portuguesa (p. ex. HOUAISS, 2001), a palavra “marginal” apresenta três significados, todos negativos: pode significar aquele que vive à margem, ou seja, situado no contorno externo de algo: na borda, no limite externo ou na periferia. Também faz referência aquilo que é de importância secundária ou escassa. Por fim, remete a delinquente, isto é, aquele que infringe uma conduta, um fora-da-lei.

Por mais incrível que possa parecer, os processos de formação de palavras analisados neste livro são referenciados, tanto na tradição gramatical quanto nos manuais de morfologia, numa ou em duas das três acepções que “marginal” apresenta, embora, como veremos ao longo da obra, esses mecanismos nada tenham de marginais: são tão importantes quanto os canônicos processos de composição e derivação, altamente produtivos no atual estágio da língua e sistematizáveis (não são foras-da-lei).

Segundo a tradição gramatical, a morfologia do português caracteriza-se, basicamente, pela produção de novos itens lexicais a partir da concatenação de formativos, ou seja, novas palavras surgem com base no acréscimo de afixos, no caso da derivação (prefixal, ‘*pré-sal*’; sufixal, ‘*blogu-eiro*’ e parassintética, *envelhecer*), ou do encadeamento de radicais ou bases, como acontece na composição (‘*italo-brasileiro*’; ‘*beija-flor*’). Tais processos estão no centro das abordagens e os demais, na margem (periferia, devido à menor importância). Tanto é que são descritos em seções com nomes variados: “Processos subsidiários” (ROCHA LIMA, 2002), “Outros processos” (CUNHA, 1985), “Demais

processos” (CUNHA ; CINTRA, 1985), “Tipos especiais” (BECHARA, 2009). Por trás desses rótulos, implicitamente entende-se que o cruzamento vocabular (‘chafé << café + chá = “café fraco com chá”) e a reduplicação (“chororô”, “choro excessivo”), por exemplo, estão à margem da derivação e da composição, ou seja, são periféricos e estão no entorno desses casos mais centrais.

Como a tradição gramatical prioriza os processos ditos aditivos (com acréscimo de marcas formais), julga de importância secundária, por considerar escassos (ou improdutivos), todos os mecanismos que não envolvem acréscimo de elementos morfológicos, como no truncamento (‘português’ > ‘portuga’) e na hipocorização (‘Larissa’ > ‘Lári’). Nesses exemplos, nota-se que não há junção de formativos, mas perda de segmentos a fim de que sejam veiculados usos mais expressivos (pejorativos, afetivos, avaliativos). Como a tradição prioriza o que é convencional e esses processos revelam o uso criativo da linguagem, é natural que relegue a segundo plano casos como esses, de modo algum escassos na variedade brasileira<sup>1</sup>.

A ideia de marginal como “fora-da-lei”, por mais incrível que possa parecer, parte de diversos linguistas (morfólogos) que dedicaram alguma atenção aos processos descritos neste livro: truncamento (‘cerva’, ‘refri’), cruzamento vocabular (‘sacolé’, ‘aborrescente’), reduplicação (‘puxa-puxa’, ‘chororô’), hipocorização (‘Xande’, ‘Dani’), siglagem (‘UPA’, ‘UPP’) e padrões de flexão (blusa ‘cheguei’; ‘valeu’).

Em manuais de morfologia do português, não é incomum encontrar referências a esses fenômenos como “limitados” (CARONE, 1989), “anômalos” (KEHDI, 1987), “idiossincráticos” (MONTEIRO, 1987), “imprevisíveis” (ZANOTTO, 1989), “irregulares” (BASILIO, 1987). Por trás desses rótulos, constata-se que a literatura interpreta esses processos como arbitrários e não suscetíveis de formalização, preconceito que pretendemos combater ao longo dos seis capítulos que compõem a obra.

Processos que formam novos vocábulos a partir da perda de segmentos (truncamento e hipocorização) são bastante comuns nas línguas do mundo e se inserem nos casos de morfologia subtrativa

---

<sup>1</sup> Em Villalva e Gonçalves (no prelo), compara-se a produtividade desses processos no português do Brasil e no de Portugal. Em linhas gerais, os autores observam sua maior incidência na variedade brasileira.

(SPENCER, 1991), um dos mecanismos não concatenativos<sup>2</sup> que o português apresenta, sobretudo no Brasil. Processos de fusão, fartamente exemplificados em línguas como o inglês (BAUER, 1988), o dinamarquês (ŠTEKAUER, 1998) e o holandês (KEMMER, 2003), são muito usuais no Brasil, a ponto de, praticamente a cada dia, novo cruzamento vocabular ser encontrado na mídia impressa, a exemplo das recentes criações ‘petralha’ (PT + metralha = “a quadrilha do PT”), ‘noitícias’ (noite + notícias = “jornal de notícias da noite”) e ‘proesia’ (prosa + poesia – poesia feita em prosa).

A reduplicação, processo morfológico que envolve a cópia de material fonológico de uma base, aparece em algumas línguas atendendo, inclusive, à flexão (MARANTZ, 1982; KYIOMI, 1995) e de modo algum é “escassa”, “limitada” e “imprevisível” em português. Pelo contrário, está a serviço tanto da nominalização de verbos (‘correr’, “confusão generalizada”) quanto da expressão da intensidade (‘bololô’, “grande aglomeração de pessoas”).

Para Haspelmath (2002), a morfologia é “o estudo da covariação sistemática entre a forma e o significado das palavras” ou o “estudo da combinação de morfemas na produção de palavras”. Entende o morfema como “o menor constituinte significativo que pode ser identificado em uma palavra” (HASPELMATH, 2002, p. 3) e, por isso, excluem-se do escopo da morfologia os processos de formação de palavras ditos não morfêmicos<sup>3</sup>, como as siglas, os cruzamentos e os encurtamentos (truncamento e hipocorização). Dessa forma, Haspelmath (*op. cit.*) estabelece diferenças entre operações próprias da morfologia (processos de formação de palavras) e operações que podem criar novas palavras (processos de criação de palavras). O autor defende que palavras novas oriundas da criação vocabular não apresentam características que possam ser reconhecidas pelos falantes.

2 De acordo com Gonçalves (2012, p. 182), “os processos chamados de não concatenativos se diferenciam dos aglutinativos pela ausência de encadeamento. Nas operações aglutinativas, como a composição, a prefixação e a sufixação, um formativo se inicia exatamente no ponto em que outro termina, como em ‘bolsa-ditadura’ (‘benefício pago pelo governo para reparar danos impostos a cidadãos brasileiros durante o regime militar’), ‘pré-sal’ (‘porção do subsolo que se encontra sob uma camada de sal situada abaixo do leito do mar’) e ‘psdista’ (‘adepto do PSD’, novo partido político brasileiro). Nos processos não concatenativos, a sucessão linear dos elementos morfológicos pode ser rompida por reduções, fusões, intercalações ou repetições, de modo que uma informação morfológica não necessariamente se inicia no ponto em que outra termina”.

3 Um processo é considerado não morfêmico quando não opera com a noção estrita de morfema: forma recorrente que atualiza sempre o mesmo significado.

Štekauer (1998) destaca que linguistas divergem se questões relativas à formação de palavras devem se restringir à afixação. Alguns deslocam a composição para a sintaxe, o que constitui problema, uma vez que a motivação para a criação de compostos é fundamentalmente semântica (STOCKWELL; MINKOVA, 2001). Outros questionam se os processos não morfêmicos devem ser incluídos na formação de palavras. Para Štekauer (1998), formações não baseadas em morfemas devem ser excluídas das abordagens de formação de palavras.

Fandrych (2008) propõe que processos como o truncamento, o cruzamento vocabular e a siglagem sejam analisados com base em elementos submorfêmicos, uma vez que se trata de fenômenos cuja formação não pode ser descrita por meio da adição ou da supressão de morfemas. A ideia central, segundo a autora, é analisar “o papel de elementos abaixo do nível do morfema na produção desses processos de formação de palavras não morfêmicos que vêm se tornando particularmente produtivos desde a segunda metade do século XX” (FANDRYCH, 2008, p. 105).

Plag (2003) investiga casos de nomes truncados (correspondentes à hipocorização), diminutivos em *-y* e *clippings*. Os *clippings*, nos termos do autor, correspondem às formações aqui denominadas “truncadas”. Tal divergência de nomenclaturas ocorre porque Plag (2003) considera “truncamentos” (*truncated names*) apenas os antropônimos, enquanto as formas encurtadas que têm nomes comuns como base recebem o nome de cruzamentos vocabulares, abreviações e acrônimos em inglês. Segundo o autor, os fenômenos citados são pesquisados em termos sobretudo prosódicos – o que representa, de modo geral, um avanço no estudo dos processos não concatenativos de formação de palavras e permite vislumbrar a aproximação entre a perspectiva adotada neste livro e aquelas que vêm se desenvolvendo na morfologia contemporânea acerca da descrição dos processos tomados para análise.

Os processos aqui analisados, explicitamente chamados de “marginais”, têm sido investigados sob a ótica de abordagens não lineares, como a Morfologia Prosódica (Mc CARTHY, 1986) e a Teoria da Correspondência (Mc CARTHY; PRINCE, 1995), uma extensão da Teoria da Otimalidade aplicada à morfologia (BENUA, 1995), e vêm ganhando destaque na linguística contemporânea, saindo, portanto, da marginalidade em que se encontravam até a década de 1990. Como

outras línguas, o português também faz uso de categorias morfoprosódicas para formar novo vocábulo. De acordo com Gonçalves (2004b), essas operações podem ser divididas em três grandes grupos:

(1) processos de afixação não linear – reduplicação (‘pula-pula’, “brinquedo de criança”, ‘bafafá’, “confusão”);

(2) processos de encurtamento – Truncamento (‘parça’, para ‘parceiro’; ‘profissa’ para ‘profissional’) e hipocorização (‘Beth’, para ‘Elizabeth’; ‘Alê’, para ‘Alexandre’); e

(3) processos de fusão – cruzamento vocabular (‘apertamento’, junção das bases ‘aperto’ e ‘apartamento’; ‘matel’, mistura de ‘mato’ com ‘motel’) e siglagem (‘UPP’, para ‘União de Polícia Pacificadora’; DR, para ‘Discussão de Relação’).

Analizamos cruzamentos (*blends*) e siglas (sobretudo acrônimos) como produtos de processos de fusão porque alguns autores admitem que acrônimos e *blends* são classificados como subtipos de um ou de outro. Stockwell e Minkova (2001) definem acrônimos como um tipo especial de *blends*, pois, para eles, o acrônimo típico toma o primeiro som da forma de cada uma das palavras-base e constrói uma nova palavra com aqueles sons iniciais. Se a palavra gerada for pronunciada como qualquer outra palavra, trata-se de um acrônimo verdadeiro. Muitas vezes, no entanto, para gerar um acrônimo pronunciável, não tomam apenas os sons iniciais, mas, por exemplo, a primeira consoante e a primeira vogal simultaneamente, como ocorre em Sudene, para Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste. Por esse motivo, Stockwell e Minkova (2001) afirmam que formações desse tipo estão no meio do caminho entre *blends* e acrônimos.

Alguns autores, como Spencer (1991) e Gonçalves (2004b), defendem que a razão para que os processos aqui descritos sejam “mal comportados” reside no fato de não serem analisáveis com base em uma morfologia pura, mas por meio da interação de dois níveis linguísticos – o morfológico e o fonológico / prosódico. Por isso, a visão de que as palavras devem ser divididas em partes mínimas significativas é esvaziada, o que explicita a necessidade de acessar constituintes fonológicos para que sejam analisados os produtos.



Pode-se afirmar, assim, que operações morfológicas, muitas vezes, “ultrapassam os terrenos da própria morfologia e acessam conteúdos fonológicos, acarretando o que chamamos de estudos de interface ou, mais especificamente, interface morfologia-fonologia” (LIMA; THAMI DA SILVA, 2011, p. 77).

Como Booij (2005), entendemos que há outros modos de criação de unidades lexicais, não sendo o sistema morfológico de uma língua sua única fonte de palavras complexas. Há processos ditos canônicos (derivação e composição) e processos considerados de criação vocabular que identificam as diversas formas que a língua apresenta para criar palavras. Nossa ênfase é nesses últimos. Pretendemos mostrar que, de modo algum, são considerados “foras-da-lei”, sendo, na verdade, altamente estruturados, com padrões de formação bem definidos. Além disso, não são de relevância secundária, uma vez que, nos últimos anos, vêm ganhando importância cada vez maior, sendo empregados com frequência tanto para criar novas palavras quanto para expressar carga emocional variada, tendo, portanto, o que Basilio (1987) chama de função expressiva de avaliação.

De acordo com Gonçalves (2004a), são basicamente cinco as diferenças ente os processos (a) de afixação não linear (reduplicação), (b) de encurtamento (truncamento e hipocorização) e (c) de fusão (cruzamento e siglagem):

(1) os dois primeiros grupos têm como *input* uma única base; os do terceiro, ao contrário, requerem pelo menos duas bases;

(2) as operações dos grupos (a) e (b) podem ser consideradas derivacionais, no sentido tradicional do termo, ao passo que as do grupo (c) devem ser interpretadas como casos de composição, se precisarmos enquadrá-los em algum grupo, a fim de que saiam das listas à parte.

(3) os processos do grupo (a) levam o material copiado a se adjungir à forma de base, o que não acontece com os demais;

(4) os mecanismos do grupo (b) não formam palavras novas, haja vista que o item derivado – que pode ser considerado sinônimo do derivante – é marcado pela função atitudinal (GONÇALVES, 2011a);

(5) os do grupo (c) apresentam função denominadora, uma vez que o produto é geralmente uma nova palavra na língua.

No decorrer do texto, procuramos refutar a tese de que esses processos “marginais” de formação de palavras são idiossincráticos (MONTEIRO, 1987). A regularidade de tais operações provém da integração de primitivos morfológicos com primitivos prosódicos e, por isso, uma abordagem mais compreensiva de tais fenômenos requer enfoque a partir da interface morfologia-fonologia.